

**PARA PENSAR OS IDENTIFICADORES DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA
NOS LIVROS INFANTIS: A MENINA QUE TINHA UM CÉU NA BOCA, DE JÚLIO
EMÍLIO BRAZ**

*CONSIDERING THE AFRO-BRAZILIAN LITERATURE IDENTIFIERS WITHIN CHILDREN'S BOOKS: A
MENINA QUE TINHA UM CÉU NA BOCA (THE GIRL WHO HAD A SKY IN HER MOUTH), BY JÚLIO
EMÍLIO BRAZ*

*PARA PENSAR LOS IDENTIFICADORES DE LA LITERATURA AFRO-BRASILEÑA EN LOS LIBROS
INFANTILES: LA NIÑA QUE TENÍA UN CIELO EN LA BOCA, DE JÚLIO EMILIO BRAZ*

Thayse da Costa Machado

Mestranda em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: yse_machado@hotmail.com

Eliane Santana Dias Debus

Doutorado em Letras, Professora da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: elianedebus@hotmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar o texto, as ilustrações e a materialidade do livro de literatura infantil *A menina que tinha um céu na boca* (2004) de Júlio Emílio Braz e ilustrações de Ivan Zigg, buscando refletir sobre os identificadores que constituem a literatura afro-brasileira na literatura para infância, bem como a sua importância para o ensino de História da África e da Cultura Afro-brasileira na educação básica (2003). Para tanto, o referencial teórico utilizado é Duarte (2010) e Debus (2017) que fundamentam também a análise do livro. O livro analisado tem como autor um escritor negro e como protagonista da história uma menina negra – identificadores importantes que constituem a literatura afro-brasileira. A partir do estudo realizado fica evidenciada a importância do mesmo integrar o acervo literário das Instituições de Educação Infantil e escolas dos primeiros anos do Ensino Fundamental pela sua composição lúdica, estética e antirracista.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Literatura afro-brasileira. Identificadores.

ABSTRACT

The aim of the following paper is to analyze the text, illustrations and the material used to produce the children's book called "A menina que tinha um céu na boca" (The girl who had a sky in her mouth) (2004) by Júlio Emílio Braz and illustrations by Ivan Zigg, seeking to reflect on the identifiers that form Brazilian Afro literature within children's literature, as well as its importance for teaching African History and Afro-Brazilian Culture in elementary education (2003). For that, the theoretical reference used is Duarte (2010) and Debus (2017) that also is the base for the analysis of the book. The book analyzed has as author a black writer and a black girl as the main character - important identifiers that constitute Afro-Brazilian literature. The study clearly shows the importance of integrating the literary collection of Early Childhood Education Institutions and schools of the first years of elementary school due to its playful, aesthetic and anti-racist basis.

Keywords: Children's Literature. Afro-Brazilian Literature. Identifiers.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar el texto, las ilustraciones y la materialidad del libro de literatura infantil *La niña que tenía un cielo en la boca* (2004) de Júlio Emilio Braz e ilustraciones de Ivan Zigg, buscando reflexionar sobre los identificadores que constituyen la literatura afro en la literatura para la infancia, así como su importancia para la enseñanza de Historia de África y de la Cultura Afro-brasileña en la educación básica (2003). Para ello, el referencial teórico utilizado es Duarte (2010) y Debus (2017) que fundamentan también el análisis del libro. El libro analizado tiene como autor un escritor negro y como protagonista de la historia una niña negra - identificadores importantes que constituyen la literatura afro-brasileña. A partir de los estudios realizados queda evidenciada la importancia del mismo integrar el acervo literario de las Instituciones de Educación Infantil y escuelas de los primeros años de la Enseñanza Fundamental por su composición lúdica, estética y antirracista.

Palabras clave: Literatura infantil. Literatura afro-brasileña. Identificadores

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar o texto, as ilustrações e a materialidade do livro de literatura infantil *A menina que tinha um céu na boca* (2004) de Júlio Emílio Braz e ilustrações de Ivan Zigg, buscando refletir sobre os identificadores que constituem a literatura afro-brasileira. A escolha por analisar este livro recai na personagem protagonista que é uma menina negra, mesmo que isto seja evidenciado somente por meio das ilustrações, e também pelo autor ser um escritor negro. Autoria, lugar de fala e representação de uma personagem negra, culminando com a diversidade étnica da narrativa, são elementos importantes na discussão sobre literatura afro-brasileira. No caso específico, queremos ver esses marcadores num escopo ainda pouco estudado que são os livros literários para infância.

A discussão gira em torno do que é literatura afro-brasileira focando nos identificadores que constituem a literatura afro-brasileira: temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público. Neste diálogo são evidenciadas a Lei 10.639/03 que institui a obrigatoriedade do ensino de História da África e da Cultura Afro-brasileira na educação básica e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004). Para tanto, o referencial teórico no qual nos apoiamos partem dos estudos de Debus (2017) e Duarte (2010) que também fundamentam a análise do livro evidenciado.

A análise de *A menina que tinha um céu na boca* (2004) se constitui em refletir sobre

a materialidade do livro, a linguagem verbal e visual, problematizando aspectos referentes a autoria, lugar de fala e a necessidade da presença da diversidade étnica nas narrativas infantis, distanciando-se do modelo canônico de representação em que prevalece as personagens eurocêtricas.

Os identificadores de afro-brasilidade no livro infantil

O texto literário tem sua base estrutural na ficcionalidade e possibilita por meio de sua leitura a fruição o desenvolvendo da imaginação. Mais do que “encantar” ele causa inquietação. Portanto, há especificidades no texto que o difere de textos com caráter didático, por vezes moralizante, com o objetivo de passar ensinamentos ou textos informativos, que embora tenham seu mérito não se coadunam. É certo que por vezes o livro de literatura é utilizado também para fins didáticos, principalmente nos estabelecimentos de ensino. Porém, é preciso afirmar que por sua diferenciação, o livro literário provoca outras experiências que vão além das possibilitadas pelo texto de caráter moralizante e didático. Debus (2017) ressalta que “A palavra ficcional arrebatava o leitor para um tempo e espaço que não são os seus. Desse modo, ele experimenta um viver distante do seu, ao mesmo tempo tão próximo, e, ao voltar desse encontro ficcional, já não é o mesmo; ele é capaz de reconfigurar o seu viver”. (p.29).

Nessa discussão, e adentrando na literatura de temática africana e afro-brasileira para a infância e juventude, a autora destaca que,

Se ler o outro e sobre o outro tem importância fundamental na formação leitora do indivíduo, o contato com textos literários, que apresentam personagens em diferentes contextos, ou a existência de escritores oriundos de diferentes contextos permite uma visão ampliada do mundo. Desse modo, a literatura negra ou afro-brasileira e/ou a temática da cultura africana e afro-brasileira se faz imprescindível [...] (DEBUS, 2017, p. 29).

O silenciamento sobre a produção literária de temática da cultura africana e afro-brasileira e sobre os escritos de escritores afro-brasileiros foi uma constante nos estudos

da literatura brasileira, embora pesquisas e publicações como as de Eduardo Assis Duarte e Maria Nazareth Soares Fonseca (2011) comprovam sua existência desde o século XVIII, porém não são conhecidos pelo grande público, e muito menos pelos estudantes das Licenciaturas para a Educação Básica que serão futuros educadores. No que se refere às especificidades da escrita literária produzida para crianças e jovens, Debus (2017, p. 33 e 34) denomina como “novidadeira” os estudos sobre a temática, dividindo em três grandes categorias os títulos que circulam no mercado editorial brasileiro contemporâneo, sendo elas: 1) literatura que tematiza a cultura africana e afro-brasileira - “[...] uma literatura que traz como temática a cultura africana e afro-brasileira, sem focalizar aquele que escreve (a autoria), mas sim o que tematiza”. (DEBUS, 2017, p. 33). 2) literatura afro-brasileira – aquela escrita por aqueles que se identificam como afro-brasileiros. 3) literaturas africanas – aquela produzida por escritores do continente africano e que pode gerar subcategorias referentes aos diferentes países/línguas e gêneros, por exemplo.

No que se refere à produção literária especificamente para o público infantil, as transformações no gênero se devem as transformações relacionadas a imagem social de infância, ou seja, cada época acaba por configurar os livros indicados a esse público, bem como sua temática. Desse modo, as especificidades do texto literário também dialogam com os aspectos da materialidade, como o tamanho e o formato para textos de capa, guardas, contracapa, tipo de letra, textura do papel, entre outras. Cabe considerar a relevância contemporânea atribuída as ilustrações numa estreita relação entre linguagem verbal e visual, sendo a linguagem visual também um mobilizador da fruição estética.

Refletindo sobre o livro literário para crianças é importante pensar sobre os personagens principais dos enredos. Os livros infantis precisam contemplar a diversidade étnica, e não “[...] silenciar a representação de personagens negras, indígenas, asiáticas, entre outras.” (DEBUS, 2017, p. 38). É importante pensar na diversidade étnica também nas ilustrações e refletir, por exemplo, se as imagens contribuem, ou não, para suplantam estereótipos e preconceitos.

É possível afirmar que hoje há um aumento nos livros infantis que apresentam personagens negras e esse aumento está vinculado a Lei 10.639/03 que institui a

obrigatoriedade do ensino de História da África e da Cultura Afro-brasileira e a 11.645/08 que agrega a cultura indígena na educação básica, tanto na rede pública como na privada e, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004) que orientam:

Edição de livros e de materiais didáticos, para diferentes níveis e modalidades de ensino, que atendam ao disposto neste parecer, em cumprimento ao disposto no Art. 26A da LDB, e, para tanto, abordem a pluralidade cultural e a diversidade étnico-racial da nação brasileira, corrijam distorções e equívocos em obras já publicadas sobre a história, a cultura, a identidade dos afrodescendentes, sob o incentivo e supervisão dos programas de difusão de livros educacionais do MEC – Programa Nacional do Livro Didático e Programa Nacional de Bibliotecas Escolares (PNBE). (p.25).

Portanto, é certo afirmar que os estabelecimentos de ensino público e privado têm como obrigatoriedade ampliar os estudos e propostas pedagógicas para a diversidade não só racial e cultural, mas social e econômica também.

Desse modo, a literatura afro-brasileira tem importante contribuição e relevância nos espaços de educação pública e privada, sendo necessária sua presença. Mas, é preciso refletir também sobre os elementos que constituem a narrativa na sua totalidade como a linguagem verbal e visual, pois não se trata somente de apresentar personagens negras, faz-se necessário pensar como elas são apresentadas, se contribuem para a valorização da cultura negra ou não, sendo aspectos que não se referem somente a fatores fenotípicos, mas uma representação da multiplicidade do continente africano, configurado por outros elementos que não o exotismo.

Tematizar e problematizar as questões étnico-raciais na literatura é evidenciar livros que focalizem a cultura africana e afro-brasileira e que apresentem personagens principais negras. A narrativa que apresenta o protagonismo negro, sem estereótipos e papéis de liderança e no espaço-tempo contemporâneo, está contribuindo para o distanciamento de um modelo padrão e de certa forma dominante, onde o protagonista é branco e o negro é representado em papéis de subalternidade.

Duarte (2010) ao pleitear a existência de uma literatura afro-brasileira, a par daqueles que a questionam, a enfatiza, ressaltando que ela “[...] se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo não só existe como é múltipla e diversa.” (DUARTE, 2010, p. 113). O autor destaca a legitimidade crescente da literatura afro-brasileira, onde sublinha a necessidade de ampliar o horizonte de recepção dessa produção literária “[...] tanto nos cursos de graduação e pós-graduação e nas listas dos vestibulares de universidades públicas e privadas, quanto no meio editorial”. (DUARTE, 2010, p. 114).

Discutindo sobre os identificadores que diferenciam a literatura afro-brasileira, mas alertando que é um conceito em construção, Duarte (2010) reflete sobre cinco elementos que a compõe que são a temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público. Cabe ressaltar que tais elementos não são considerados isoladamente, mas se constituem em interação seguidos, muitas vezes de outros fatores. No que se refere ao primeiro identificador (tema), Duarte (2010) destaca que ele pode ser evidenciado nos textos literários a história do povo negro, como a diáspora brasileira e as consequências da escravidão, aspectos das tradições culturais e religiosas dos africanos e afrodescendentes como “[...] mitos, lendas e de todo um imaginário circunscrito quase à oralidade.” (DUARTE, 2010, p. 123). E, ainda, questões da modernidade brasileira, como a miséria e a exclusão “[...] surgem nos textos o subúrbio, a favela, a crítica ao preconceito e ao branqueamento, a marginalidade, a prisão [...]” (DUARTE, 2010, p. 124). Cabe considerar que o autor enfatiza que não se trata de uma obrigatoriedade que o escritor aborde aspectos passados e presentes dos afrodescendentes no Brasil, pois a obrigatoriedade acabaria gerando construções redundantes e empobrecidas.

Duarte (2010) problematiza o identificador de autoria como uma instância controversa, sendo necessário considerar fatores biográficos e fenotípicos: “[...] é preciso compreender a autoria não como um dado “exterior”, mas como uma *constante discursiva* integrada à materialidade da construção literária.” (DUARTE, 2010, p. 125). Ele resalta sua estreita relação com o ponto de vista e diz que “Literatura é discursividade e a cor da pele será importante enquanto tradução textual de uma história própria ou coletiva.” (DUARTE,

2010, p. 127).

De acordo com Duarte (2010) o ponto de vista é o lugar de enunciação, o lugar de fala do escritor, sendo que por vezes se torna mais importante que o tema. É possível afirmar que todo texto literário comporta um ponto de vista, sendo diferente a narrativa de um negro ser escrita por um branco daquela representação negra ser escrita por um negro. O autor enfatiza que essa discussão está atrelada “[...] à adoção de uma visão de mundo própria e distinta da do branco, à superação da cópia de modelos europeus e à assimilação cultural imposta como única via de expressão.” (DUARTE, 2010, p. 130).

Não é possível pensar literatura sem pensar em linguagem, Duarte (2010) diz que primeiramente a literatura é definida como linguagem, possuindo uma finalidade estética. Porém, ressalta que há outras finalidades, como valores éticos, culturais, políticos e ideológicos. Assim, o autor a destaca como um fator da diferença cultural no texto literário:

A linguagem é sem dúvida um dos fatores instituintes da diferença cultural no texto literário. Assim, a afro-brasilidade tornar-se-á visível também a partir de um vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas de África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil. Ou de uma discursividade que ressalta ritmos, entonações e, mesmo, toda uma semântica própria, empenhada muitas vezes num trabalho de ressignificação que contraria sentidos hegemônicos na língua. Isto porque, bem o sabemos, não há linguagem inocente, nem signo nem ideologia. (DUARTE, 2010, p. 130 e 131).

Refletir sobre não existir linguagem inocente é pensar também os termos com sentidos pejorativos que circularam e ainda circulam nas narrativas literárias no Brasil, enfatizados por Duarte (2010) como possuidores de certa cordialidade que faz parte do racismo à brasileira. Segundo o autor, é possível pensar os estereótipos sociais candentes nos livros, programas de Televisão, rádios, entre outros lugares que contribuem para a manutenção da desigualdade. Desse modo, é preciso buscar a ruptura a partir do discurso afrodescendente.

Sobre o último identificador, mas não mais importante, público, Duarte (2010) elege a necessidade da formação de um público para a literatura “negra”: “A constituição desse público específico, marcado pela diferença cultural e pelo anseio de afirmação identitária, compõe a faceta algo utópica do projeto literário afro-brasileiro [...]” (DUARTE, 2010,

p. 133). Assim como o autor destaca, pensar no horizonte recepcional é também pensar nos espaços mediadores, como saraus literários na periferia, encenação teatral, rodas de poesia e *rap*, entre outros. Desse modo, duas tarefas se colocam:

[...] primeiro, a de levar ao público a literatura afro-brasileira, fazendo com que o leitor tome contato não apenas com a diversidade dessa produção, mas também com novos modelos identitários; e, segundo, o desafio de dialogar com o horizonte de expectativas do leitor, combatendo o preconceito e inibindo a discriminação sem cair no simplismo muitas vezes maniqueísta do panfleto. (DUARTE, 2010, p. 134).

As tarefas apresentadas são ambiciosas e pode-se dizer que difíceis. Duarte (2010) aponta a complexidade de implementar o gosto e o hábito pela leitura nas crianças e jovens, principalmente das camadas mais pobres da população brasileira. O acesso aos livros não deve ser restrito somente a uma camada da população – a elite dirigente. Portanto, cabe frisar a importância de refletir sobre espaços mediadores, fato que leva a pensar nos leitores (ou possíveis leitores) de menor poder aquisitivo.

A literatura afro-brasileira se dá pela interação dos cinco elementos apresentados. “A partir, portanto, da interação dinâmica desses cinco grandes fatores – temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público – pode-se constatar a existência da literatura afro-brasileira em sua plenitude.” (DUARTE, 2010, p. 135). Nas palavras de Duarte (2010) a literatura afro-brasileira tem o caráter fundado na diferença, sendo distante do modelo cânone.

O livro, o autor e o ilustrador: *A menina que tinha um céu na boca* (2004) de Júlio Emílio Braz

O livro infantil *A menina que tinha um céu na boca* (2004), de Júlio Emílio Braz e ilustrações de Ivan Zigg, se constitui editorialmente como um livro de literatura infantil contemporâneo com uma narrativa curta e em diálogo com as ilustrações. Júlio Emílio Braz, escritor negro, nascido em 1959 e mineiro de Manhumirim, com cinco anos passou a morar no Rio de Janeiro e com 21 anos assumiu o ofício de escritor. “Seus títulos, em sua

maioria, direcionam-se ao público adolescente e a temática étnico-racial aparece em um número expressivo deles.” (DEBUS, 2017, p. 94). O livro, objeto dessa leitura foi escrito quando esteve em Berlim para o Festival Internacional de Literatura, no ano de 2003. O ilustrador, Ivan Zigg, branco, denomina-se como uma espécie de artista múltiplo e tem ilustrações em mais de 120 livros infantis.

As ilustrações que dialogam com as palavras foram realizadas com tinta acrílica por meio de pincel, diretamente no papel, as cores de tons fortes, como amarelo, vermelho, verde, azul, entre outras. Elas ocupam sempre duas páginas, mesmo que o trecho da narrativa esteja somente em uma, por exemplo, há um trecho na página quatro e as ilustrações ocupam as páginas quatro e cinco. As ilustrações não são meramente decorativas, mas dialogam com a narrativa, contribuindo para a dramaticidade e ludicidade do relato.

Materialmente o livro é confeccionado de papel couché, acabamento em grampo e sem lombada. Apresenta numeração de página, tendo o total de 16 páginas. O tipo de letra usado na narrativa é sempre letra de forma maiúscula em tamanho grande. Na capa há o título do livro e a ilustração da menina negra, personagem principal da história, nome do autor e do ilustrador, e a editora. Nas primeiras páginas há a ficha catalográfica. Na quarta capa o leitor encontra uma breve apresentação do livro e a ilustração da personagem principal. No verso da quarta capa há uma pequena biografia do autor e do ilustrador. Esses elementos de composição se configuram importante e são também objetos de leitura, permitindo um melhor, ou não, manuseio; durabilidade do objeto, e, sem sobra de dúvidas, a pequena biografia leva o leitor a se aproximar daquele que produziu a narrativa (pela palavra e pela imagem).

A narrativa se desenvolve a partir da estupefação e encantamento de uma menina negra ao saber que havia um céu na sua boca e começa a imaginar que poderia colocar muitas coisas nele: o sol, as nuvens, os passarinhos, e “À noite, a menina gostava de pensar que no céu da sua boca brilhavam muitas estrelas que se refletiam no aparelho de seus dentes.” (BRAZ, 2004, p. 14). Ela vivia com a boca aberta querendo mostrar às pessoas o céu da sua boca com tudo que tinha nele, “mas ninguém mais via, queria ver, conseguia enxergar.” (BRAZ, 2004, p. 15).

De forma lúdica traz descobertas que acontecem no cotidiano da infância. Na história a descoberta é a do céu da boca, mas pode-se pensar em muitas outras que fazem parte da infância, não só referentes ao corpo, mas também a sentimentos e emoções. O autor evidencia o imaginário infantil e apresenta questionamentos da própria criança, pois a menina indagava como ninguém mais conseguia enxergar tudo o que tinha no céu da sua boca, como nuvens, pássaros, entre outros. E, ainda, pensava: “ - Nossa, como olham e não podem ver.” (BRAZ, 2004, p. 16).

É possível relacionar tais questionamentos a uma sutil crítica ao olhar do adulto que por vezes não tem compreensão das invenções das crianças, fato evidenciado no seguinte fragmento: “Ela bem que mostrava, ela bem que insistia, mas quem diz que alguém via? Ninguém via, as pessoas até se aborreciam. Por fim, alguém sempre aparecia e dizia: - Mas que coisa feia... feche essa boca, menina!” (BRAZ, 2004, p. 15).

A menina que tinha um céu na boca (2004) possui como personagem principal uma menina negra e tem como autor um escritor negro. No texto não há evidências que a personagem é negra, essa confirmação se efetiva pelas ilustrações. Aqui fica demarcado que a personagem negra não precisa ser evidenciada somente pelo texto, podendo ser apresentada pela imagem, como já realizado em outros livros para infância, em particular *O Menino Nito... então, homem chora ou não?* (1995), de Sonia Rosa, “talvez um dos primeiros livros mais contemporâneos a focalizar intencionalmente o protagonismo negro por meio de uma personagem criança marcadamente pela ilustração.” (DEBUS; DEBUS, 2018, no prelo).

Refletir sobre a autoria e o lugar de fala que, segundo Duarte (2010) são dois identificadores entre os cinco que de forma integrada constituem a literatura afro-brasileira, torna-se relevante ao pensar no autor e no ilustrador do livro infantil aqui analisado. No mercado editorial os brancos se sobressaem, assim é importante marcar que existem escritores negros e que é necessária uma literatura afro-brasileira escrita por negros, sendo importante esta adjetivação neste momento de construção de políticas de ações afirmativas e de desenvolvimento de pesquisas acadêmicas sobre a literatura afro-brasileira. Portanto, cabe frisar que há escritores negros produzindo literatura para

crianças e também para jovens e adultos.

Duarte (2010) afirma que a autoria está entrelaçada com o ponto de vista, isto é, o lugar de fala, de enunciação. Desse modo, é possível refletir que por tratar-se de um escritor negro o livro infantil em questão apresenta como protagonista uma menina negra vivendo as descobertas e invenções imaginárias da infância. Essa busca de distanciar-se do modelo padrão e dominante, onde o personagem principal é sempre branco e de cabelo liso, também marca o caráter fundado na *diferença* da literatura afro-brasileira, como já visto.

Na busca por distanciar-se do modelo cânone, também é importante pensar o papel do ilustrador. Assim como é importante evidenciar escritores negros, também é necessário enfatizar que há ilustradores negros. É possível refletir que a autoria e o ponto de vista também são questões relevantes no papel do ilustrador no livro de literatura afro-brasileira. Não se trata de ser uma obrigatoriedade que o ilustrador do livro de literatura afro-brasileira precisa ser negro. Mas, é importante refletir que os personagens negros podem ter diferenças marcantes quando o ilustrador é branco e quando é negro.

Cabe frisar, ainda, que não se trata de afirmar que quando o ilustrador é branco as ilustrações de personagens negros têm estereótipos e preconceitos. É preciso haver diálogo entre escritor e ilustrador na composição final das ilustrações. No livro analisado, o ilustrador é branco e não há estereótipos na criança negra. Mas, a pontuação refere-se, por exemplo, ao cuidado de refletir como a personagem do livro *A menina que tinha um céu na boca* poderia ser ilustrada de outra forma e com outras características se o ilustrador fosse negro. São indagações pertinentes de serem feitas ao tratar-se de um livro de literatura afro-brasileira para crianças e também nas produções literárias para jovens e adultos.

Pensando na importância da literatura afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino da rede pública e privada em diálogo com a Lei 10.639/03 e 11.645/08 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, cabe afirmar que o livro analisado é uma produção importante de integrar o acervo de literatura das Instituições de Educação Infantil e também das escolas de anos iniciais do Ensino Fundamental. É um livro que possibilita

diferentes experiências às crianças das diversas etnias que tiverem acesso a ele.

Para pensar outros (des)línites no que se finda

O artigo objetivou analisar, mesmo que brevemente, o texto, as ilustrações e a materialidade do livro de literatura infantil *A menina que tinha um céu na boca* (2004) de Júlio Emílio Braz e ilustrações de Ivan Zigg, buscando refletir sobre os identificadores elencados por Duarte (2010) como constituidores da literatura afro-brasileira, senão os cinco em sua concretude, constata-se implicitamente o diálogo com os demais.

Na leitura d' *A menina que tinha um céu na boca* (2004) destacamos a ludicidade da história e a importância da mesma ter uma menina negra como protagonista por meio de uma ilustração sem estereótipos. No entanto, vale demarcar que a intencionalidade da ilustração pode se desfazer se não for uma prioridade. No caso do exemplar em análise, publicado pela DCL, constata-se essa intenção, mas anos depois no mesmo título, publicado pela Scipione a protagonista recebe outra representação.

Poderíamos pensar que a leitura até aqui realizada não teria “serventia” haja vista que os argumentos da intencionalidade da componente racial cairiam por terra. Pensamos que diferentemente, esse exemplo nos leva a crer a necessidade de analisar outros elementos, como aqueles fundados na sociologia da leitura e que podem trazer novas significâncias para a compreensão das escolhas de mercado.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003(b). Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 10 jan. 2003, p. 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm. Acesso em: 04/11/2013.

_____. Parecer CNE/CP nº 3, de 10 de março de 2004(a). Institui Diretrizes Curriculares

Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. **Diário da Oficial da União**. Brasília, DF, 19 mai. 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>. Acesso em: 10/09/2014.

BRAZ, Júlio Emílio. *A menina que tinha um céu na boca*. Il. Ivan Zigg. São Paulo: DCL, 2004.

DEBUS, Eliane. *A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens*. São Paulo: Cortez, 2017.

DEBUS, Eliane; DEBUS, José Carlos dos Santos. Esperança Garcia: a escrita da mulher negra em tempos inglórios. No prelo.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In. *Terceira Margem*, v. 14, n. 23, p. 113-138, jun. 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10953>>. Acesso em: 14 Dez. 2017.

DUARTE, Eduardo Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Literatura afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

ROSA, Sonia. *O menino Nito... então, homem chora ou não?* Ilustração de Cristina Azevedo. Rio de Janeiro: Memórias Futuras, 1995.